

# Transformações no sistema estativo em três variedades de Nheengatu do Amazonas

*Transformations in the stative system in three varieties of Nheengatu from Amazonas*

Aline da CRUZ\*

Universidade Federal de Goiás (UFG)

Raynice Geraldine Pereira da SILVA\*\*

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Michéli Carolíni de Deus LIMA SCHWADE\*\*\*

Instituto Federal do Amazonas (IFAM)

**RESUMO:** Uma das características mais conhecidas das línguas da família Tupi-Guarani é o sistema ativo-estativo, caracterizado pela cisão da classe de verbos intransitivos em duas subclasses semanticamente determinadas: os verbos intransitivos ativos e os verbos intransitivos estativos Klimov (1974), Seki (1987, 2000). Como um sistema tipologicamente raro entre as línguas do mundo se comporta em uma situação de intenso contato linguístico, como a que resulta em substituição linguística? Para responder essa pergunta, o presente artigo apresenta resultados de pesquisa de três variedades contemporâneas de Nheengatu, em três regiões do estado do Amazonas/AM: Alto Rio Negro; Médio Rio Solimões e Médio Rio Amazonas, onde se encontram falantes com diferentes graus de proficiência. Como resultado, observamos um *continuum* em que a presença de características mais conservadoras está ligada às línguas substituídas. O pressuposto teórico da pesquisa é a tipologia linguística com metodologia de base etnográfica para coleta de dados nas três regiões pesquisadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Nheengatu. Tupi-Guarani. Tipologia Linguística. Línguas Indígenas. Contato Linguístico.

**ABSTRACT:** One of the best known characteristics of languages of the Tupi-Guarani family is the active-stative system, characterized by the division of the intransitive verbs class into two semantically determined subclasses: the active intransitive verbs and the stative intransitive verbs Klimov (1974), Seki (1987, 2000). How does a typologically rare system among the languages of the world behave in a situation of intense linguistic contact, such as the one that results in Linguistic replacement? To answer this question, the present article presents research results of three contemporary varieties from Nheengatu, in three regions of the state of Amazonas / AM: Upper Rio Negro; Middle Solimões River and Middle Amazon River, where there are speakers with different degrees of proficiency. As a result, we observe a continuum in

---

\* Doutora em Linguística, Professora Adjunta IV, Núcleo Takinahaky de Formação Superior Indígena, UFG. E-mail:acruz@ufg.br

\*\* Doutora em Linguística, professora Associada II de Teoria e Análise Linguística da Faculdade de Letras da UFAM, Manaus/AM e Coordenadora do Projeto Descrição e Documentação das Variedades do Nheengatu no Amazonas. E-mail: raynice@ufam.edu.br

\*\*\* Doutora em Linguística, professora Campus Manaus-Zona Leste, Instituto Federal do Amazonas, Manaus/AM. E-mail: micheli.schwade@ifam.edu.br

which the presence of more conservative characteristics is linked to the replaced languages. The theoretical foundation of the research is linguistic typology with combined with an ethnographically based methodology for data collection in the three researched regions.

**KEYWORDS:** Nheengatu. Tupi Guarani. Linguistic typology. Indigenous languages. Language contact.

## Introdução

Os estudos de descrição e documentação das línguas indígenas brasileiras têm contribuído significativamente para o desenvolvimento dos estudos em teoria e análise linguística. Apesar da aparente diversidade linguística do país, uma análise mais criteriosa da distribuição dessas línguas demonstra uma tendência de poucos falantes por língua, definindo assim uma situação linguística e social de línguas e povos minorizados frente à língua portuguesa e à sociedade envolvente. De fato, a preocupação com a perda dessa diversidade linguística e com o crescente processo de descaracterização cultural tem feito com que muitas pesquisas de descrição e documentação sejam desenvolvidas por linguistas, antropólogos e, mais recentemente, pelos próprios indígenas.

Os dados do censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que há no Brasil 305 etnias diferentes e cerca de 274 línguas indígenas que são faladas no território nacional. Contudo, é preciso considerar que muitas línguas declaradas no censo podem ser variedades dialetais de uma mesma língua; e até mesmo diferentes denominações para a mesma variedade. Por sua vez, estudos linguísticos baseados em critérios genéticos cientificamente comprovados estipulam o número de línguas entre 150 e 180 línguas<sup>1</sup>.

Sobre a necessidade de preservação desse patrimônio é preciso considerar que a proporção de falantes por língua não significa que essa diversidade esteja segura no Brasil. Grande parte são línguas faladas por menos de 6.000 pessoas, outras são faladas por menos de 1.000 e algumas possuem em torno de 20 falantes. Os dados demonstram a grande e urgente necessidade de conscientização mundial sobre a importância das línguas indígenas. A preocupação toma outra dimensão quando a Organização das

---

<sup>1</sup> O número de 180 línguas é indicado por Rodrigues (2005), e o de 150 é indicado por Moore, Galucio e Gabas Jr. (2008).

Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO) instituiu o ano de 2019 como o Ano Internacional das Línguas Indígenas e o período de 2022 a 2032 como a Década Internacional das Línguas Indígenas, declarada em reunião de encerramento das atividades daquele ano. Essas ações acontecem numa tentativa de alerta sobre a importância da preservação linguística das línguas indígenas ao redor do mundo. A própria UNESCO estabelece que línguas com menos de 100 mil falantes são línguas extremamente ameaçadas de extinção. No Brasil todas as línguas indígenas possuem menos de 40 mil falantes.

Um dos principais nomes da linguística indígena no Brasil é o da linguista brasileira Lucy Ferreira Seki. Doutora em linguística pela Universidade de Patrice Lumumba, na antiga União Soviética, Lucy Seki desempenhou um papel importante na descrição e documentação de diferentes níveis de análise linguística de línguas indígenas faladas no Brasil, bem como contribuiu enormemente aos povos indígenas por sua atuação na educação indígena e na publicação de coletâneas de textos. A análise do Kamaiurá feita por Lucy Seki foi essencial para que o linguista russo Klimov investigasse as línguas da família Tupi-Guarani descritas até aquele momento, e, ao observar padrões semelhantes entre essas línguas e línguas faladas na América do Norte, como línguas da família Na-Dene (como Athabaskan, Tlingit e atualmente extinta, Eyak), da família Siouan (como, Dakota, Assiniboine, Ponka, Tutelo), e da família Muskogean (como Muskogee, Choctaw, Hitchiti) propusesse o padrão tipológico conhecido como línguas de estrutura ativa (cf. Klimov 1974 e Seki 1976 e 1990).

Lazard (1986) analisou os principais corolários gramaticais do tipo ativo-estativo indicados por Klimov em diferentes línguas. Seu objetivo era justamente verificar a hipótese do autor, ou seja, verificar se havia um tipo ativo-estativo. Sua conclusão foi que tipos linguísticos não existem:

il résulte que le type 'active', en tant que type globale, c'est-à-dire embrassant tout la structure linguistique en ses diverses parties, n'existe pas. On pourrait sans doute faire la même démonstration au sujet des types 'ergatif' e 'nominatif'. (p102)<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> [Resulta que o tipo 'ativo', como um tipo global, ou seja, correlaciona dado a todas as estruturas linguísticas em suas diversas partes, não existe. Poderíamos sem dúvida fazer o mesmo tipo de demonstração em relação aos tipos 'ergativo' e 'nominativo'] (nossa tradução)

No entanto, Seki (1976, p. 223) chama atenção para uma das características mais centrais do tipo ativo-estativo seria “o fato de existir nas línguas ativas uma relação bastante íntima entre nome e o verbo, principalmente, o estativo, que se reflete na utilização por ambos de meios morfológicos comuns”.

Para entender essa relação entre nomes e verbos, precisamos primeiramente observar algumas propriedades de alinhamento do Kamaiurá (também encontradas em outras línguas da família Tupi-Guarani). Nessas línguas, há uma cisão na classe de verbos intransitivos em verbos intransitivos ativos, que marcam o argumento único com prefixos da série ativa (I), usada para marcar o sujeito de verbos transitivos; e verbos intransitivos inativos, que marcam o argumento único por um prefixo da série não ativa (II). Assim, nos exemplos (1) e (2), observa-se prefixos da série ativa em um verbo transitivo (1) e em um verbo intransitivo ativo (2). Por sua vez, em (3), o prefixo *i-*, da série não ativa, marca o argumento único da série estativa.

- (1) *jawár-a*      *(o)-júká*<sup>3</sup>  
onça-RFR      3.I-matar  
‘Ele matou a onça’      (Seki 2000, p. 109; glosa adaptada)
- (2) *ywyrá-a*      *o-kaj*  
árvore-RFR      3.I-queimar  
‘A árvore está queimando’.      (Seki 2000, p. 109; glosa adaptada)
- (3) *i-’ajur-a*      *i-huku*  
3.II-pescoço-RFR      3.II-comprido  
‘O pescoço dele é comprido’.      (Seki 2000, p. 67; glosa adaptada)

Como explica Leite (2005, p. 195),

Línguas desse tipo apresentam uma cisão morfológica no sistema de referência pessoal do sujeito do verbo intransitivo: os verbos intransitivos com um sujeito ativo (*correr, nadar, andar*, etc.) têm marcas de sujeito iguais às dos verbos transitivos; já os verbos intransitivos de estado (*estar alegre, alegrar-se, estar com fome, estar com frio, estar com febre*, etc.), que se caracterizam semanticamente por não ter o sujeito do verbo o controle da ação, selecionam para o sujeito as mesmas prefixos do objeto do verbo transitivo. Daí a designação de línguas de ergatividade cindida semanticamente condicionada.

No entanto, chama atenção no tipo ativo-estativo que o prefixo da série estativa não é exclusivo de verbos, mas também ocorre com nomes. Assim, no exemplo (3), o

---

<sup>3</sup> A lista de siglas e abreviaturas usadas neste artigo encontra-se ao final do texto.

prefixo *i-* indica o argumento único do verbo *huku* ‘ser comprido’ e o possuidor de ‘*ajur*’ ‘pescoço’.

O sistema ativo-estativo, identificado para diversas línguas da família Tupi-Guarani, apresenta diferentes configurações conforme as línguas sejam mais conservadoras ou, principalmente por conta do contato linguístico, menos conservadoras. Neste artigo vamos investigar a tipologia verbal na língua Tupi-Guarani que mais se transformou por conta do contato linguístico: o Nheengatu.

## **1. O estudo das variedades do Nheengatu no Amazonas**

A pesquisa sobre as variedades de Nheengatu no Amazonas objetivou a análise, a descrição e a documentação de uma língua natural em seus aspectos fonético-fonológico e gramaticais visando mapear seu uso e um maior conhecimento dessa língua e suas variedades no Amazonas atualmente<sup>4</sup>. Um primeiro resultado desse projeto de comparação das variedades de Nheengatu do Médio Amazonas, do Alto Rio Negro e do Rio Solimões foi publicado por Silva, Cruz, Lima Schwade (2020). Até onde sabemos, este trabalho é o primeiro estudo em linguística recente a realizar uma comparação de aspectos morfossintáticos dessas três variedades.

O Nheengatu, ou Língua Geral Amazônica, é classificado como pertencente ao tronco Tupi, membro da família Tupi-Guarani (RODRIGUES, 1984/85 e 1986). De acordo com Borges (1991, p.44), “o Nheengatu, ou Língua Geral Amazônica, é uma língua da família Tupi-Guarani, suas raízes estão ligadas ao processo de colonização portuguesa da Amazônia”. Rodrigues (1984/1985) classifica a Língua Geral Amazônica (Nheengatu) no terceiro subconjunto (Subconjunto III) e situa o Nheengatu dentro da Família Tupi-Guarani (CRUZ, 2011 p.03).

Como aponta Freire (2004), em detalhado estudo sobre a história das línguas amazônicas, o Nheengatu surgiu da transformações gramaticais do Tupinambá que passou a ser falado como primeira ou segunda língua por outros povos indígenas, cujas línguas maternas eram da família Tupi-Guarani (como, por exemplo, Wayampi e Guajajara), de outros ramos da família Tupi (como Munduruku, entre outros), e até mesmo por indígenas cujas línguas maternas eram de outras famílias linguísticas

---

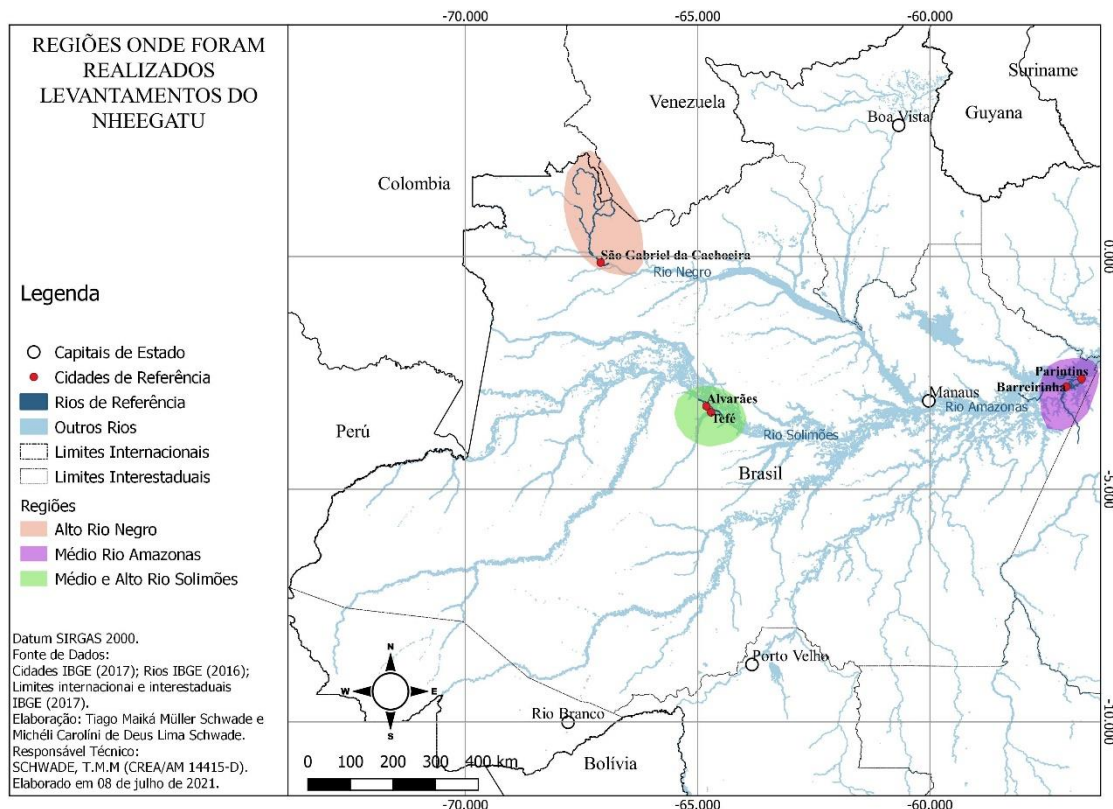
<sup>4</sup> A pesquisa teve o financiamento do CNPq no período de outubro de 2013 a março de 2017 (resultado de Pesquisa Processo CNPq 4825555/2013-0 na modalidade Auxílio Individual de Pesquisa).

(Tukano, Karib, Arawak, Nadehup, e, possivelmente, de línguas isoladas). Como instrumento de comunicação inter étnica usada pela administração colonial, a língua geral também passou a ser utilizada por falantes de línguas europeias e africanas, e por mestiços, também chamados de caboclos (FREIRE, 2004, RODRIGUES, 1984/85, MOORE, 2014, CRUZ, 2011, LIMA SCHWADE, 2014).

Segundo Freire (2004), entre 1616, data da inauguração do Presépio de Belém até o início do século XIX, a língua geral expandiu-se por diversos rios amazônicos, substituindo outras línguas indígenas da região. No século XIX, porém, devido a diversos fatores históricos, como a Cabanagem (1835-1840), o Ciclo da Borracha (1840-1912) e a Guerra do Paraguai (1864-1870), a Língua Geral acabou sendo substituída pelo Português na maior parte do seu território. Na mesma época, o termo ‘Nheengatu’ se consolidou na literatura a partir do trabalho de Couto de Magalhães (1876) para designar todas as variedades de língua geral que sobreviveram na Amazônia a partir do século XIX (FELIX, 2002).

Atualmente, variedades de Nheengatu são encontradas em algumas regiões amazônicas, sendo ainda necessário um estudo sociolinguístico que realize um mapeamento dessas variedades. Neste artigo, contribuimos para esse objetivo maior, ao apresentar propriedades de verbos de variedades de Nheengatu, faladas no estado do Amazonas, a saber: (1) Alto Rio Negro, onde é falada por indígenas Baré, Baniwa e Werekena, povos que originalmente falavam línguas Arawak; (2) Médio Rio Amazonas, onde um número pequeno de indígenas Sateré-Mawé que falam Nheengatu (ou Tupi, como eles a denominam), Sateré-Mawé e Português; e (3) Médio e Alto Rio Solimões, onde encontramos apenas alguns falantes que lembram algumas frases. O mapa abaixo apresenta essas regiões em que a língua é falada, bem como aponta os lugares em que foram realizados os trabalhos de campo que subsidiaram essa pesquisa.

#### **Estudo das variedades do Nheengatu do Amazonas – regiões pesquisadas**



Fonte: Tiago Maiká Müller Schwade e Michéli Carolíni de Deus Lima Schwade, 2021, mapa feito em função deste artigo.

Aspectos fonológicos dessas três variedades linguísticas foram comparadas por Silva, Cruz, Lima Schwade (2020). Este artigo apresenta parte dos resultados do projeto, mas desta vez com enfoque na tipologia verbal da língua. Por meio das comparações de estruturas das variedades do Nheengatu, pretende-se verificar até que ponto as línguas indígenas que foram faladas na mesma região que o Nheengatu teriam facilitado a manutenção de estruturas conservadoras da família linguística Tupi-Guarani. Para tanto, este artigo é dividido em quatro seções: na segunda seção, apresentamos alguns dados sobre o grau de vitalidade de cada variedade, bem como informações sobre como foram coletados os dados de cada língua. na terceira seção, realizamos uma comparação da classe de verbos nas três variedades analisadas, para então, verificar o grau de preservação em relação ao Tupinambá na quarta seção. Por fim, nas considerações finais, apontamos alguns caminhos para pesquisas em contato linguístico, observando os impactos do grau de parentesco entre as línguas em contato como um fator preponderante para a manutenção de estruturas linguísticas, ao passo que a vitalidade linguística teria um impacto menos significativo (embora também

importante).

## **2. Considerações sobre a vitalidade do Nheengatu nas três regiões para o trabalho de campo**

Nesta seção, apresentamos algumas considerações sobre a vitalidade das variedades de Nheengatu faladas no estado do Amazonas, tendo em vista que as situações sociolinguísticas em que cada variedade é falada é bastante diversificada: alguns lembradores na região do Médio Rio Solimões, alguns falantes nativos na região do Médio Rio Amazonas, e várias comunidades de povos diferentes na região do Alto Rio Negro. Como é de se esperar, o trabalho de campo realizados com línguas de grande vitalidade é bastante diferente daquele realizados com línguas silenciadas <sup>5</sup>.

Tendo em vista que a diferença de vitalidade das variedades linguísticas do Nheengatu tem impacto no modo de coleta dos dados, nesta seção, apresentaremos informações relativas ao grau de vitalidade de cada variedade, associadas às considerações metodológicas, com relação à coleta de dados.

### **2.1 Entre muitos falantes do Nheengatu no Rio Negro**

Como é possível observar no mapa apresentado acima, as variedades de Nheengatu aqui analisadas são faladas em regiões bastante distintas. Mais que isso, a língua é falada por diferentes povos em cada região, e com graus de proficiência muito diversificados. No Alto Rio Negro, o Nheengatu é falado por cerca de 8.000 pessoas. Nessa região, Cruz (2011) observou que no rio Xié, a população Werekena de cerca de 1.000 pessoas é predominantemente monolíngue em Nheengatu. Nos rios Negro e Içana, território dos Baré e dos Baniwa, respectivamente, a população é em geral bilíngue em Nheengatu e Português, com uma tendência ao monolinguismo em Português à medida que as aldeias se aproximam do centro urbano do município de São Gabriel da Cachoeira. Em trabalhos de campo realizados em 2014 e 2016, a

---

<sup>5</sup> Neste artigo utilizaremos o termo 'línguas silenciadas' para nos referir a línguas que apresentam pouquíssimos falantes, todos idosos e que têm sido chamadas na literatura especializada de 'línguas moribundas'. Utilizamos o termo 'línguas silenciadas' para destacar que fatores socioeconômicos (ou até mesmo políticas públicas genocidas) levaram ao desaparecimento dessas línguas, que, por não terem mais quem as use, se foram silenciadas.



pesquisadora observou o mesmo cenário.

Para o Nheengatu do Alto Rio Negro, os dados foram coletados em Anamoim e Tunum, em 2016, do Rio Xié. Ambos os locais são território do povo Werekena, que usa o Nheengatu como primeira língua. Nesse sentido, esta pesquisa se diferencia de Cruz (2011) e trabalhos posteriores da mesma autora que descreveu a variedade falada no Alto Rio Negro e no Baixo Rio Içana pelos povos Baré e Baniwa. Essas variedades são muito semelhantes, de modo que quando houver diferença das informações colhidas no Rio Xié em relação aos Rios Negro e Içana, serão mencionadas no texto.

## **2.2 Uma herança deixada no Médio Amazonas: O Nheengatu (ou Tupi) dos Sateré-Mawé**

No Médio Rio Amazonas, há muitos relatos de que antigamente o povo Sateré-Mawé falava, além do Mawé, o Nheengatu na região do Rio Andirá. O Nheengatu dessa região é chamado pelos Sateré-Mawé como ‘Tupi’. Atualmente, os dados do IBGE (2010) indicam que cerca 13 mil indígenas Sateré-Mawé vivem na Terra Indígena Andirá-Marau, e são, em sua maioria, bilíngues em Português e Sateré-Mawé, língua da família Mawé, membro do Tronco Tupi<sup>6</sup>. Silva (2010 e 2005) e Lima Schwade (2014), ao investigarem aspectos fonológicos do Sateré-Mawé e do Nheengatu do Rio Andirá, respectivamente, observaram influências lexicais e fonológicas entre influências lexicais e fonológicas entre as línguas. Falantes do Nheengatu ainda são encontrados na região do rio Andirá. O termo ‘Nheengatu do Médio Amazonas’, termo que tem começado a aparecer na literatura especializada e será utilizado neste trabalho. Entre essas pessoas, encontramos uma família, constituída por cinco irmãos, já idosos, que aprenderam o Nheengatu como língua materna, e, só posteriormente, aprenderam o Sateré-Mawé e o Português. Segundo o relato dos irmãos, o Nheengatu era usado cotidianamente pela família até 2003, quando a mãe faleceu. Somente após essa data é que os irmãos se distanciaram e, assim, o Nheengatu deixou de ser falado entre eles diariamente. A partir dessa data, o Nheengatu passou a ser utilizado apenas em encontros familiares

---

<sup>6</sup> Trata-se de uma língua bastante próxima às línguas da família Tupi-Guarani, tanto que Rodrigues (1984/85) levantou a hipótese de que haveria um subgrupo Mawé-Tupi-Guarani dentro do tronco linguístico Tupi. Hipótese que foi confirmada recentemente por Drude e Meira (2015), que sugerem que as línguas Tupi-Guarani sejam relacionadas ao Mawé e ao Aweti na família Maweti-Guarani.

esporádicos<sup>7</sup>.

### **2.3 Os últimos lembradores do Nheengatu no Rio Solimões**

A última região a ser pesquisada nessa proposta é a região do Médio Rio Solimões. Nessa região, encontramos alguns indígenas, geralmente os mais idosos, que lembram palavras, frases em Nheengatu, mas não possuem fluência na língua, uma vez que não utilizam o Nheengatu há bastante tempo. Na pesquisa, constatamos que os indígenas que ainda lembram um pouco do Nheengatu pertencem a diversos povos, como Mayoruna, Miranha e Kayxana. O fato de haver lembradores de Nheengatu que pertencem a vários povos é um indicativo de seu uso como língua franca na região. De fato, os colaboradores confirmaram que aprenderam um pouco de Nheengatu por seu uso no comércio da região. Há relatos inclusive de que a língua era, em alguns casos, língua de uso diário de famílias ribeirinhas não indígenas dessa região. Muitas vezes esses ribeirinhos não tinham o português como língua materna e sim o Nheengatu. Isso demonstra a importância sócio-histórica do Nheengatu para a constituição linguística e cultural do Português falado no Rio Solimões.

Por conta dessa situação sociolinguística de desaparecimento da língua, a coleta de dados ficou bastante limitada. Nas primeiras viagens a região, realizadas em fevereiro de 2015, encontramos na cidade de Tefé colaboradores indígenas da etnia Ticuna que ainda lembravam algumas palavras em Nheengatu, mas falavam língua portuguesa como língua de uso diário. Em uma segunda viagem, realizada em agosto de 2016, encontramos um informante da etnia Miranha no município de Coari que, além de itens lexicais, nos forneceu alguns dados sobre a morfologia nominal e verbal. Outras viagens curtas foram realizadas na região metropolitana de Manaus na tentativa de buscar informantes que fossem falantes da variedade do Nheengatu da região do Médio Solimões que porventura tivessem migrado para a capital. Contudo, não obtivemos sucesso nesse processo de busca por informantes em áreas próximas da capital, os falantes que encontramos em sua maioria eram da região do Alto e/ou Médio Rio Negro/AM.

---

<sup>7</sup> No que diz respeito à variedade do Médio Amazonas, há uma dissertação de mestrado sobre aspectos fonológicos (LIMA SCHWADE, 2014) e recentemente uma tese de doutorado, que apresenta algumas características gramaticais dessa variedade (LIMA SCHWADE, 2021). Para uma história acerca do Nheengatu do Médio Rio Amazonas, e um belo relato sobre a família que mantém o Nheengatu como língua de herança, cf. Lima Schwade (2021).

Com base nos dados coletados nesses trabalhos de campo, Silva (2019) realizou uma descrição e documentação fonológica do Nheengatu do Médio e Alto Rio Solimões e, logo, em seguida, a autora também realizou uma descrição da morfossintaxe verbal e nominal dessa mesma variedade (Silva 2020).

### **3. O sistema ativo-estativo nas três variedades de Nheengatu: preservação e mudança**

Na seção anterior, vimos que a situação sociolinguística de cada variedade estudada neste trabalho é bastante distinta, o que se reflete na própria possibilidade de coleta de dados para a análise linguística: a variedade do Alto Rio Negro é falada como língua materna por um grande número de falantes; a variedade do Médio Amazonas apresenta um número bastante reduzido de falantes idosos, que falam Nheengatu como língua materna, mas que usam Sateré-Mawé e Português em suas interações diárias; a variedade do Solimões é lembrada por um número reduzido de indígenas idosos, que falam Português ou línguas indígenas da região como língua materna.

Por conta das limitações de coleta de dados para análise comparativa, apresentaremos apenas as características mais gerais sobre a tipologia verbal nas três variedades de Nheengatu. Em seguida, apresenta-se uma comparação com o Tupinambá para verificar as inovações das variedades de Nheengatu.

Como visto na introdução, as línguas da família Tupi-Guarani são conhecidas por serem tipologicamente ativo-estativo (cf KLIMOV 1974 e SEKI 1976 e 1990), caracterizada, entre outras propriedades, pela cisão da classe de verbos intransitivos por propriedades semânticas. As variedades de Nheengatu faladas no Estado do Amazonas, analisadas neste trabalho, mantém uma divisão entre uma classe de verbos intransitivos ativos, em que o argumento único é marcado de forma idêntica ao sujeito de verbos transitivos, e uma classe de verbos intransitivos estativos, cuja marcação apresenta variação em cada um dos dialetos analisados nesta pesquisa.

Nas três variedades aqui analisadas, verbos transitivos e os verbos intransitivos ativos apresentam apenas uma vaga morfológica para marcação de flexão de pessoa, indicada por uma série de prefixos da série ativa, ilustradas nos paradigmas apresentados nos quadros de I a III, abaixo:

**Quadro I - Paradigma Verbal verbos transitivos e intransitivos ativos - Nheengatu do Rio Xié, falado por Werekena.**

	<i>yuka</i> ‘matar’	<i>sendu</i> ‘ouvir’
1SG	<i>ha-yuká ~ a-yuká</i>	<i>ha-sendu ~ a-sendu</i>
2SG	<i>re-yuká</i>	<i>re-sendu</i>
3SG	<i>u-yuká</i>	<i>u-sendu</i>
1PL	<i>ya-yuká</i>	<i>ya-sendu</i>
2PL	<i>pe-yuká</i>	<i>pe-sendu</i>
3PL	<i>tu-yuká ~ ta-yuká ~ tau-yuká</i>	<i>tu-sendu ~ ta-sendu ~ tau-sendu</i>

Fonte: elaborado pelas autoras

De modo geral há diferenças quando as formas de 1SG e 3PL na região do Alto Rio Negro. No dialeto do povo Baré as formas são: *a-sendu* ‘eu ouço’ e *ta-(~tau-)sendu* ‘nós ouvimos’ para as 1SG e 3PL pessoas, respectivamente. Já no dialeto Baniwa do Içana as formas são *ha-sendu* ‘eu ouço’ e *ta-sendu* ‘eles ouvem’ estão presentes. Por sua vez, no dialeto falado pelo povo Werekena no rio Xié, a forma de 1SG é *ha-sendu* ‘eu ouço’, como a dos Baré do Rio Negro, mas a forma da 3PL é *tu-sendu* ‘eles ouvem’.

No Médio Rio Amazonas, também encontramos um paradigma verbal prefixal, conforme quadro abaixo:

**Quadro II - Paradigma verbal verbos transitivos e intransitivos - Médio Rio Amazonas**

	<i>yuka</i> ‘matar’	<i>wata</i> ‘andar’
1SG	<i>ha-yuka</i>	<i>ha-wata</i>
2SG	<i>ere-yuka ~ ere-yuka</i>	<i>re-wata ~ ere-wata</i>
1PL	<i>ya-yuka</i>	<i>ya-wata</i>
2PL	<i>pe-yuka</i>	<i>pe-wata</i>
3	<i>u-yuka</i>	<i>u-wata</i>

Fonte: elaborado pelas autoras.

Com relação à variedade falada no Solimões, encontramos também prefixos da série ativa.

**Quadro III - Paradigma verbal transitivos e intransitivos ativos – Médio Rio Solimões**

	<i>mbue</i> ‘ensinar’	<i>yana</i> ‘correr’
1SG	<i>a-mbue</i>	<i>a-yana</i>
2SG	<i>re-mbue</i>	<i>re-yana</i>
1PL	<i>ya-mbue</i>	<i>ya-yana</i>
2PL	<i>(penhe) u-mbue</i>	<i>(penhe) u-yana ~ pe-yana</i>
3	<i>(ae) u-mbue</i> ‘ele ensina’ <i>(enta) u-mbue</i> ‘eles ensinam’	<i>(enta) u-yana ~ pe-yana</i>

Fonte: elaborado pelas autoras.

Como visto na seção 2, os poucos falantes de Nheengatu encontrados no Rio Solimões tiveram bastante dificuldade em “lembrar” palavras e frases na língua. Com relação ao paradigma verbal apresentado acima, por exemplo, alguns falantes apresentavam o prefixo *pe-* tanto para a segunda pessoa plural quanto para a terceira pessoa plural. No estágio atual desta pesquisa e com base no grau de fluência dos falantes, não é possível verificar se o uso de *pe-* para indicar a terceira pessoa plural seja uma marca de alguma variedade de Nheengatu falada no Solimões, ou se ao contrário, seja apenas uma idiossincrasia por conta do grau de esquecimento dos falantes.

As três variedades de Nheengatu do Amazonas fazem uso de prefixos da série ativa para indicar o sujeito de verbos transitivos, como em (4), (6), e (8), e o argumento único de verbos intransitivos ativo, como em (5), (7) e (9).

- (4) *ape u-pisika yane-rera* VT (Alto Rio Negro)  
 aí 3.I-pegar 1PL.II-nome  
 ‘Aí, pegou nosso nome’
- (5) *nhaã Amuru u-ri ike* VI ativo (Alto Rio Negro)  
 DEM Amuru 3.I-vir aqui  
 ‘Aquele Amuru veio aqui’
- (6) *(ixe) ha-seno parawa* VT (Médio Amazonas)  
 1SG 1SG.I-ouvir papagaio  
 ‘Eu ouvi o papagaio’

- (7) *okena u-pirari* VI ativo (Médio Amazonas)  
 porta 3.I-abrir  
 ‘A porta abriu’
- (8) *Valda u-mbau manga* VT (Médio Solimões)  
 Valda 3.I-comer manga  
 ‘Valda comeu manga’.
- (9) *Eraldo u-sasẽ* VI ativo (Médio Solimões)  
 Eraldo 3.I-gritar  
 ‘Eraldo gritou’

Assim como em outras línguas da família Tupi-Guarani é possível observar, nas três variedades de Nheengatu, uma cisão na classe dos verbos intransitivos: a dos verbos intransitivos ativos e dos verbos intransitivos estativos. Os verbos intransitivos ativos marcam seu argumento único da mesma maneira que os verbos transitivos ativos marcam seu sujeito: pela série ativa de marcadores de pessoa, como ilustrado nos exemplos (5), (7) e (9) acima.

No que concerne aos verbos estativos, cada variedade apresenta maneiras diferentes de expressar o argumento único (So). No Médio Amazonas, os verbos intransitivos estativos recebem prefixos de pessoa da série estativa para marcar o argumento único, conforme ilustrado nos exemplos (10) e (11).

- (10) *ae i-puranga<sup>8</sup> saúde* (Médio Amazonas)  
 DEM 3.II-ser.bom saúde  
 ‘Ele está bem de saúde’
- (11) *taina s-iri* (Médio Amazonas)  
 menina 3.II-estar alegre  
 ‘A menina está feliz’

Nas variedades de Nheengatu falada no Alto Rio Negro, pelos povos Baré, Baniwa e Werekena, observa-se que os verbos intransitivos estativos se subdividiram em dois subgrupos, chamados por Cruz (2011) de verbos intransitivos estativos flexionáveis e não-flexionáveis. Os verbos intransitivos estativos flexionáveis ocorrem com prefixos da série estativa, como ilustrado pelo exemplo (11) abaixo. Por sua vez,

<sup>8</sup> No Tupinambá, a terceira pessoa da série não-ativa, ocorria como *i- ∞ s- ∞ t-*. A forma *i-* ocorria com nomes alienáveis, ao passo que as formas *s-* e *t-* com os inalienáveis, sendo que *s-* indicava ‘terceira pessoa possuída’ e *t-* indicava ‘terceira pessoa com possuidor humano’. Nas variedades de Nheengatu, até onde conseguimos verificar, as formas *i- ∞ s- ∞ t-* se lexicalizaram, de modo que são todos alomorfes lexicais do morfema de terceira pessoa da série não-ativa (não marcado para número nas variedades do Médio Amazonas e Solimões; e marcado como singular na variedade do Alto Rio Negro).

em (13), observa-se o verbo *puranga* ‘ser bom’, da subclasse dos verbos intransitivos estativos não flexionáveis, em que o verbo não recebe nenhum tipo de flexão e o argumento único é marcado apenas pelo sintagma nominal.

(12) *ike meio se-kuere=wã*  
aqui meio 1SG.II-ser cansado=PFT  
‘Aqui, já estou meio cansado’

(13) *padre puranga se-irum*  
padre ser.bom 1SG.II-com  
‘O padre é bom comigo.’

Cruz (2011, p.180-181) sugere que essas duas subclasses de verbos estativos estejam correlacionados a fatores semânticos. Os estativos não-flexionáveis tenderiam a expressar “propriedades físicas, como *tipi* ‘ser fundo’, *puranga* ‘ser bonito, ser bom’, *puxuera* ‘ser feio, ser ruim’, *pinima* ‘ser colorido’, *irawa* ‘ser amargo’”. Por sua vez, os flexionáveis estariam mais ligados às propensões humanas: *katu* ‘ser bom/saudável/caridoso’; *kuere* ‘estar cansado’, *s/resarai* ‘esquecer-se’, *s/ruri* ‘ser alegre’. Embora haja essa tendência geral, observa-se também exceções, como *sasiara* ‘ser triste’, que apesar de expressar uma propensão humana, comporta-se formalmente como verbo intransitivo não-flexionável.

No que concerne à variedade falada no Rio Solimões, o argumento único é marcado por um sintagma lexical pleno, preenchido por um pronome livre ou manifestado lexicalmente, como no exemplo (14) abaixo. Nessa variedade, todos os verbos intransitivos estativos não recebem flexão de pessoa.

(14) *pusanga puranga* (Médio Solimões)  
remédio ser.bom  
‘o remédio é bom’

#### **4. O que a comparação com o Tupinambá pode nos informar acerca das classes verbais?**

Como vimos, o Nheengatu, termo pelo qual ficou conhecido a língua geral amazônica a partir do século XIX, tem origem no Tupinambá. Dessa forma, uma comparação entre as variedades de Nheengatu aqui analisadas e o Tupinambá é essencial para elucidar quais seriam mais inovadoras, ainda que todas sejam, uma vez que as transformações gramaticais que deram origem ao Nheengatu provocaram uma

mudança tipológica profunda. Para realizarmos essa comparação, dividiremos essa seção em duas: primeiramente, faremos comparações com relação ao sistema pronominal (4.1), para, então, seguirmos a uma comparação em relação ao padrão tipológico estativo (4.2).

#### 4.1 Reformulações no sistema pronominal

Antes de adentrarmos a comparação entre o sistema verbal das três variedades do Nheengatu com o Tupinambá, é preciso traçar algumas considerações a respeito dos índices de pessoa das séries ativa (série I) e não-ativa (série II). Nas três variedades, perdeu-se a distinção entre inclusiva e exclusiva nas formas de primeira pessoa. Trata-se de uma distinção que existia em Tupinambá, e que não é realizada em nenhuma das variedades de Nheengatu falada no estado do Amazonas.

Com relação ao prefixo de terceira pessoa, observa-se que as variedades de Nheengatu do Médio Rio Amazonas e do Médio e Alto Rio Solimões, apresentam apenas um prefixo *u-*, que não apresenta distinção de número. Nessas variedades, a única forma de indicar a distinção de número é por meio da expressão do pronome de terceira pessoa plural *aita ~ aeta*. Segundo Cruz (2015, p. 427), o pronome *aeta ~ aita ~ enta* ‘terceira pessoa plural’, usado nas três variedades de Nheengatu analisadas, resulta da fusão do *a?ε* ‘demonstrativo’ e *eta* ‘palavra plural’, encontradas no Tupinambá.

A estrutura (*ainta*) *u-VERBO*, encontrada nas variedades do Médio Amazonas e do Solimões e registrada desde o século XIX, como em (15) abaixo, é mais conservadora. No Alto Rio Negro, essa estrutura foi encontrada apenas em falantes que no início do século XX, estavam com mais de oitenta anos, como ilustrado no dado em (16). Em Moore, Facundes, Pires (1994), que estudaram uma falante de Nheengatu do Alto Rio Negro, que morava em Belém e que apresentava uma variedade bastante conservadora da língua, essa estrutura também foi encontrada, como ilustrado em (17).

(15) *aita u-su* (Século XIX)  
eles 3.I-ir  
‘Eles vão’<sup>9</sup>

(16) *puru werekena panhe ainta membira ita*

<sup>9</sup> Dado retirado de Barbosa Rodrigues (1890, p. 42), que informa ser um dado colhido no Alto Rio Negro.



puramente werekena todos eles filhos PL  
*aiwã ainta u-su=wã*  
 então eles 3.I-ir=PFV

‘Os filhos dela eram puramente Werekena, então eles foram embora’<sup>10</sup>

(17) *presizo aẽtá u-ištuda pohtugéiř upé*  
 precisar eles 3.I-estudar Português em  
 ‘É preciso que eles estudem Português’<sup>11</sup>

Na variedade do Alto Rio Negro, a estrutura (*ainta*) *u-VERBO* passou por um processo de gramaticalização, em que emergiu um prefixo de terceira pessoa plural, realizado como *ta-* nas entre os falantes de Nheengatu do povo Baré e Baniwa, como em (18), e como *tu-* entre os falantes de Nheengatu do povo Werekena, como em (19). Nessas variedades, também emergiu o prefixo *ta-* de terceira pessoa plural da série não-ativa.

(18) *ta-paya tu-piripana ta-supe*  
 3PL.II-pai 3PL.I-comprar 3PL.II-DAT  
 ‘os pais deles compram para você’

(19) *kuxima yane-ramunha ita ta-munhã wera kariamã*  
 antigamente 1PL.NA-avô PL 3PL.A-fazer HAB cariamã  
 ‘Antigamente, nossos avós faziam cariamã’

Segundo Cruz (2015), embora todas as variedades do Nheengatu apresentam contato com o Português desde o século XVII, apenas a variedade do Alto Rio Negro apresenta a emergência de terceira pessoa plural como prefixo, tanto da série ativa (usada com verbos transitivos e intransitivos ativos), quanto da série não-ativa (usada com nomes, posposições e com um subgrupo de verbos intransitivos estativos). Como ilustrado nos exemplos (18) e (19), o prefixo de terceira pessoa ativo ocorre como *ta-* entre Baré e Baniwa dos rios Alto Rio Negro e Içana, e como *tu-* entre os Werekena, do rio Xié. Por sua vez, o prefixo de terceira pessoa não-ativa, ocorre nessas variedades de Nheengatu falado por povos Arawak como *ta-*.

Ainda segundo Cruz (2015), a emergência desses prefixos apenas no Alto Rio

<sup>10</sup> Cruz 2015, p. 530

<sup>11</sup> Moore, Facundes, & Pires, 1994, p. 106; (tradução nossa)

Negro pode ser uma evidência de interferência das línguas Arawak substituídas pelo Nheengatu naquela região, uma vez que essas apresentam distinção entre prefixos de terceira pessoa singular e plural.

#### 4.2 O sistema ativo-estativo em um *continuum* de mudanças

Entre as mais conservadoras línguas da família Tupi-Guarani, o Tupinambá apresenta um sistema ativo-estativo (LEITE, 2003), como também ocorre com outras línguas da família Tupi-Guarani (MITHUN, 1991; SEKI, 2000, entre outros). O sistema ativo é caracterizado pela divisão entre duas classes de verbos intransitivos semanticamente correlacionadas com a agentividade do argumento único. Em (20) a (24), são apresentados ajudam a compreender o alinhamento ativo. Em (20), observa-se um verbo transitivo, cujo sujeito é indicado por um prefixo da série I e o objeto, por um prefixo da série II. Por sua vez, os exemplos (21) e (22) ilustram, respectivamente, um verbo intransitivo ativo, cujo argumento único é expresso por um prefixo da série I, e um verbo intransitivo inativo, que expressa seu argumento único por um prefixo da série II. Cruz, Magalhães e Praça (2019) destacam que não se trata apenas de uma cisão no alinhamento dos predicados verbais, uma vez que os prefixos da série II também ocorrem com nomes, como *posañ* ‘remédio’ em (23), e com posposições, como *pupe* ‘dentro’ em (24)<sup>12</sup>.

- (20) *a-i-xuu*  
1SG.I-3.II-morder  
‘Eu o mordo’<sup>13</sup>
- (21) *a-so Pindobusu irunamo*  
1SG.I-ir Pindobusu companheiro  
‘Eu vou com Pindobusu como meu companheiro’<sup>14</sup>
- (22) *i-ma'enwar*  
3.II-lembrar.se  
‘Ele se lembrava’<sup>15</sup>
- (23) *paje-∅ i-posañ*  
pajé-RFR 3.II-remédio

<sup>12</sup> Cruz, Magalhães e Praça (2019, p. 71) interpretam os prefixos da série II como formas de expressar argumentos internos tanto de predicados verbais quanto de não verbais.

<sup>13</sup> Rodrigues (1953).

<sup>14</sup> Navarro (1998, p. 48; glosas acrescentadas)

<sup>15</sup> Figueira (1880, p. 95; glosas acrescentadas)

- ‘O pajé tem remédio’ (Lit .: (Há) remédio do pajé)<sup>16</sup>
- (24) *i-pupe*            *t-ere-iesy*  
 3.II-dentro      EXOR-2SG.I-assar  
 ‘que você seja assado dentro dele [no inferno]’,<sup>17</sup>

Nas variedades de Nheengatu faladas atualmente, os verbos transitivos deixaram de receber prefixos da série II. Nessa língua, verbos transitivos apresentam apenas uma vaga morfológica para a expressão do sujeito, de modo que o objeto é expresso por um sintagma nominal, como ilustrado pelos exemplos (4), com a variedade do Rio Negro; (6) pela variedade do Médio Amazonas, e (8), pela variedade do Solimões. Do mesmo modo, verbos intransitivos ativos expressam seu argumento único pelo prefixo da série I, como ilustrado em (5), (7), e (9). Por sua vez, o comportamento dos verbos intransitivos estativos em cada variedade indica que fases diferentes de um processo de mudança linguística, formando um *continuum* em termos de conservação das propriedades desses verbos. No extremo mais conservador deste *continuum* está o Nheengatu do Médio Amazonas, em que os verbos intransitivos estativos mantêm as propriedades dos verbos estativos do Tupinambá. Compare, por exemplo, os enunciados (10) e (11) do Nheengatu do Médio Amazonas, com o enunciado (14) do Médio Solimões, qual representa o outro extremo desse *continuum*, em que os verbos intransitivos da série estativa não mais recebem prefixos de pessoa da série não-ativa.

##### 5. Serão mesmo verbos estativos ou uma classe emergente de adjetivos?

Não é ponto pacífico entre os pesquisadores que analisaram o Nheengatu como deve ser considerada a classe de verbos aqui chamada de estativo. Para Cruz (2011), há duas subclasses de estativos, por sua vez Moore (2014), interpreta que há uma classe de verbos estativos e uma classe de adjetivos. Vejamos os argumentos de cada autor.

Para Moore (2014, p. 126), com base em análise da variedade do Alto Rio Negro, as palavras com sentido atributivo devem ser divididas em dois grupos: os verbos estativos e os adjetivos. Para o autor, os verbos estativos recebem prefixo de pessoa. Por sua vez, os adjetivos não recebem prefixos de pessoa. Assim, para Moore (2014), *kuere* ‘estar cansado’, em (12) renumerado abaixo como (25), deve ser considerado verbo

<sup>16</sup> Rodrigues (2010, p 40; glosas acrescentadas)

<sup>17</sup> Anchieta (1999, p. 170)

estativo, porque recebe prefixos da série II; a passo que, em (13), renumerado como (26), *puranga* ‘bonito’ seria um adjetivo devido à sua incompatibilidade com prefixos da série II.

(25) *ike meio se-kuere=wã*  
aqui meio 1SG.II-ser cansado=PFT  
‘Aqui, já estou meio cansado’

(26) *padre puranga se-irum*  
padre ser.bom 1SG.II-com  
‘O padre é bom comigo.’

Por sua vez, para Cruz (2011), ambos *kuere* e *puranga* são verbos estativos, diferindo apenas pela subclasse: *kuere* é interpretado pela autora com verbo estativo flexionável, ao passo que *puranga* como verbo estativo não-flexionável. Como todos os demais verbos da língua, as duas subclasses de verbos estativos ocorrem primariamente como predicado, como ilustrado nos exemplos (24) e (25) acima. Para ocorrerem como argumentos, esses verbos, assim como demais verbos da língua, precisam ser nominalizados, como ilustrado em (27) e (28) abaixo.

(27) *viagi u-meẽ se-kuere-sa<sup>18</sup>*  
viagem 3SG.I-dar 1SG.II-ser.cansado-NMZL  
‘A viagem me deu cansaço’

(28) *a-nheẽ=ntu i-puranga-sa<sup>19</sup>*  
1SG.I-dizer=só 3SG.II-ser.bom-NMZL  
‘Só digo o que é bom’

Magalhães, Praça e Cruz (2019, p. 166) mostraram que o Nheengatu não é a única língua Tupi-Guarani em que a classe de verbos intransitivos estativos começa a perder a capacidade de flexão de pessoa. Segundo as autoras, em Guajá, língua Tupi-Guarani do subgrupo VIII, falada no Maranhão por um grupo de cerca de 520 pessoas, em sua maioria monolíngue, também apresenta verbos intransitivos estativos sem flexão, como ilustrado abaixo:

---

<sup>18</sup> Cruz (2011, p. 570)

<sup>19</sup> Cruz (2011, p. 572).

- (29) *i-xiru-a*                      *pirỹ*    (Guajá)  
 3.II-roupa-RFR                      ser.vermelho  
 ‘A roupa dele é vermelha.’

As autoras destacam, porém, a diferença. Em Nheengatu do Alto Rio Negro, a maioria dos verbos estativos são do tipo não flexionáveis, como em (25). A presença de verbos estativos flexionáveis é apenas residual, como ocorre no exemplo (24). Por sua vez, em Guajá, a maioria dos verbos estativos apresenta flexão de pessoa, e apenas um pequeno número de verbos começa a ocorrer sem prefixo de pessoa, na fala dos mais jovens.

Neste trabalho, adotamos a proposta de Cruz (2011) de que os verbos estativos, assim como todos os verbos, têm como “função primária predicar e que precisam ser nominalizados para funcionarem como argumento”. Com relação à compatibilidade com prefixos de pessoa da série não-ativa, característica conservadora desta classe, observamos um continuum. Em Nheengatu do Médio Amazonas, todos os verbos estativos recebem prefixos de pessoa da série não-ativa. Em Nheengatu do Alto Rio Negro, há uma divisão entre verbos estativos flexionáveis e não-flexionáveis. Por sua vez, em Nheengatu do Solimões, os verbos estativos não ocorrem com prefixos de pessoa.

Com relação à variedade de Nheengatu do Solimões, não foi possível realizar teste de gramaticalidade para atestar a ocorrência dos verbos estativos com nominalizadores, tampouco esse tipo de exemplo ocorreu em fala espontânea. No entanto, devido à situação sociolinguística de desaparecimento da língua, não será possível realizar tal análise.

### **Considerações Finais**

Este artigo analisou as classes verbais em três variedades do Nheengatu: a do Rio Negro, a do Médio Amazonas e a do Solimões. Observou-se que a despeito de apresentar poucos falantes, a variedade do Médio Amazonas é sem dúvida a mais conservadora: apresenta duas classes de verbos intransitivos, os ativos e os estativos. Os verbos intransitivos ativos recebem prefixos da série I (ativa), ao passo que os verbos intransitivos estativos não-ativos recebem prefixos da série II. A preservação dessas

características está correlacionada a fatores sócio-históricos: trata-se de uma variedade do Nheengatu que desde o século XVII tem sido falada em situação de bilinguismo com o Sateré-Mawé (língua do tronco Tupi, da família Maweti-Guarani, portanto muito próxima às línguas Tupi-Guarani), e mais recentemente, também com Português. Em contato com línguas da mesma família, o sistema ativo se preservou com mais clareza<sup>20</sup>.

No Alto Rio Negro, o Nheengatu é falado como língua materna dos povos Baré, Baniwa e Werekena. Trata-se de povos Arawak que substituíram suas línguas pelo Nheengatu. Nessa variedade, observa-se um sistema em mudança. Assim como na variedade do Médio Amazonas, observa-se uma cisão entre verbos intransitivos ativos e verbos intransitivos estativos. Estes, por sua vez, se subdividem em uma subclasse que mantém os prefixos de pessoa da série estativa, e uma subclasse que perdeu a compatibilidade com esses morfemas. Apesar dessas mudanças, essas duas subclasses mantêm essas duas subclasses mantêm o status verbal, pois ambas são compatíveis com sufixos nominalizadores, exclusivos dos verbos. Estudos futuros deverão verificar até que ponto o fato de Baré, Baniwa e Werekena (RAMIREZ, 2001) serem línguas com sistemas ativos-estivos terem facilitado a manutenção do sistema ativo-estativo no Nheengatu do Alto Rio Negro.

Por sua vez, na variedade falada no Solimões, as palavras cognatas dos verbos estativos perderam completamente a compatibilidade com prefixos de pessoas da série II. Ademais, dada às condições sociolinguísticas da variedade, não é possível realizar testes de gramaticalidade para verificar se essas as palavras cognatas ao verbos estativos das demais variedades de Nheengatu, são de fato verbos, ou seja, se podem ser combinadas com sufixos nominalizadores. Dessa forma, qualquer tentativa de classificar essa classe de palavras teria natureza especulativa.

### **Lista de Siglas e Abreviações Utilizadas**

1PL: Primeira pessoa plural,  
1SG: Primeira pessoa singular,  
2PL: Segunda pessoa plural,

---

<sup>20</sup> O conservadorismo da variedade do Médio Rio Negro em relação às demais variedades já foi observado em análises sobre outros níveis de análise. É o caso do estudo comparativo de aspectos fonológicos das três variedades, realizados por SILVA, CRUZ, LIMA SCHWADE (2020), que observou que apenas essa variedade preservou os inventários de segmentos vocálicos e consonantais, encontrados em Tupinambá.

2SG: Segunda pessoa singular,  
3PL: Terceira pessoa plural,  
3SG: Terceira pessoa singular,  
3: Terceira pessoa;  
I: série ativa;  
II: série não-ativa;  
A: Sujeito de verbo transitivo,  
O: Objeto,  
So: Argumento único de verbo intransitivo;  
VT: Verbo transitivo  
VI: Verbo intransitivo,  
COM: Comitativo,  
DAT: Dativo,  
DEM: Demonstrativo,  
EXOR: exortativo,  
HAB: habitual,  
NEG: Negação,  
NMLZ: Nominalização,  
RFR: referenciante;  
PFT: Perfectivo,  
PL: Plural (partícula),  
(=): Fronteira de clítico,  
(-): Fronteira de morfema,

## REFERÊNCIAS

- ANCHIETA, Pe. José. **Teatro**. Tradução do tupi, introdução e notas de Eduardo de Almeida Navarro. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BARBOSA RODRIGUES, João. **Poranduba Amazonense: ou kochymaura porandub**. Rio de Janeiro: G. Leuzinger e Filhos, 1890.
- BORGES, Luiz Carlos. **A Língua Geral Amazônica: aspectos de sua Fonêmica**. 1991. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991
- CRUZ, Aline da. **Fonologia e Gramática do Nheengatú: a língua geral falada pelos povos Baré, Warekena e Baniwa**. Utrecht, Países Baixos: LOT, 2011.
- CRUZ, Aline da. The rise of number agreement in Nheengatu. **Boletim do Museu paraense Emílio Goeldi**. Série Ciências Humanas, v. 10, 2015, p. 419-439.
- DIXON, Robert M. W. Subject and Object in Universal Grammar. *In*: ARNOLD et al. (Orgs.). **Essays in Grammatical Theory and Universal Grammar**. Oxford: Clarendon Press, 1989, p. 91-118.
- DRUDE, Sebastian. On the position of the Awetí language in the Tupi family. *In*: DIETRICH, Revista Moara, n. 58, jan-jul 2021 ISSN: 0104-0944

W.; SYMEONIDIS, H. (Orgs.). **Guarani y Mawetí-Tupi-Guarani**. Berlin: Lit Verlag, 2006, p. 11-45.

FELIX, Maria Ivanete de Santana. **A Língua Geral Amazônica: Contribuição para o estudo de suas variedades dialetais faladas ao longo do Rio Amazonas e seus tributários, nos séculos XIX e XX**. Dissertação (Mestrado em Linguística), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Pará, 2002.

FIGUEIRA, Luís. **Arte de gramatica da lingua brasilica**. Rio de Janeiro: Lombaerts e C, [1621] 1880.

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Rio Babel: a história das línguas na Amazônia**. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Características Gerais dos Indígenas**. Censo 2010. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas\\_gerais\\_indigenas/default\\_caracteristicas\\_gerais\\_indigenas.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_gerais_indigenas/default_caracteristicas_gerais_indigenas.shtm). Acesso em: 21 jul. 2014.

KLIMOV, G. On the Character of Languages of Active Typology. **Linguistics** 12/131: 11-25, 1974.

LAZARD, G. Le Type Linguistique Dit «Actif»: Reflexions Sur Une Typologie Globale. **Folia Linguistica**, v. 20, n. 1-2, 1986, p. 87-108.

LEITE, Yonne de F. *A Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil* e as línguas indígenas brasileiras. In: FREIRE, José Ribamar Bessa; ROSA, Maria Carlota (Org.). **Língua Gerais: Política Linguística e Catequese na América do Sul no Período Colonial**. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2003.p. 11-24.

LEITE, Yonne de F. *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil: A criterion for evaluation*. In: ZWARTJES, O.; ALTMAN, C. **Missionary Linguistics II / Linguística misionera II: Orthography and Phonology**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2005, p. 191-204.

LIMA SCHWADE, Micheli Carolini de Deus. **Descrição fonético-fonológica do Nheengatu falado no Médio Rio Amazonas**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal de Manaus, Manaus, 2014.

LIMA SCHWADE, Micheli Carolini de Deus. **“Tupi” do Rio Andirá: O Nheengatu no Médio Rio Amazonas**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021.

MITHUN, M. Active/agentive case marking and its motivation. **Language**, v. 67, n 3, 1991, p. 510-546.



- MAGALHÃES, José Vieira Couto de. **O Selvagem**. Rio de Janeiro: Typografia da Reforma, 1876.
- MAGALHÃES, M.; PRAÇA, W. N.; CRUZ, Aline da. Gradação da omnipredicatividade na família tupi-guarani. **Forma y Función** vol. 32, n.º 2 julio-diciembre del 2019. Bogotá: Colombia, 2019, p. 151-189.
- MEIRA, Sérgio; DRUDE, Sebastian (2015). "Uma reconstrução preliminar da fonologia segmental proto-Maweti-Guarani". **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, série Ciências Humanas, 10(2):275-296
- MOORE, D; FACUNDES, S.; PIRES, N. Nheengatu (Língua Geral Amazonica), it's history, and effects of language contact. **Proceedings of the Meeting of the Society for the Study of the Indigenous Languages of the Americas**, 1994, p. 93-118.
- MOORE, D. A.; GALÚCIO, A. V.; GABAS JURNIOR, N. Desafio de documentar e preservar línguas. **Scientific American Brazil: Amazônia**, 1 set. 2008, p. 36-43.
- MOORE, D. Historical Development of Nheengatu (Língua Geral Amazônica). *In*: MUFWENE, S. S. (Org.). **Iberian Imperialism and Language Evolution in Latin America**. Chicago: University of Chicago Press, 2014.
- NAVARRO, Eduardo de Almeida. **Método moderno de tupi antigo: a língua do Brasil dos primeiros séculos**. São Paulo: Vozes, 1998.
- RAMIREZ, H. **Línguas Arawak da Amazônia Setentrional - Comparação e Descrição**. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2001.
- RODRIGUES, A. D. Relações Internas na família Tupi-Guarani. **Revista Antropológica**, v. 27/28. São Paulo: Universidade São Paulo, 1984/85, p. 33-53.
- RODRIGUES, A. D. **Línguas brasileiras: Para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Loyola, 1986.
- RODRIGUES, A. D. Sobre as Línguas Indígenas e sua pesquisa no Brasil. **Ciência e Cultura** v. 57, n. 2, São Paulo, 2005, p. 35-38.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Ígna. Estrutura do Tupinambá. *In*: RODRIGUES, Aryon Dall'Ígna; CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara. **Língua e culturas Tupi**. Brasília & Campinas: LALI & Nimuendajú, 2010.
- SEKI, L. O Kamaiurá: língua de estrutura ativa. **Língua e Literatura**. Revista dos Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, v. 5, 1976, p. 217-227.

SEKI, L. Para Uma Caracterização Tipológica da Língua Kamaiurá. **Cadernos de Estudos Lingüísticos** (UNICAMP), Campinas, v. 12, p. 15-24, 1987.

SEKI, L. Kamaiura (Tupi-Guarani) as an active-stative language. *In*: PAYNE, D. (Org.). **Amazonian linguistics: Studies in Lowland South American languages**. Austin: University of Texas Press, 1990, p. 367-392.

SEKI, L. **Gramática do Kamaiurá - Língua Tupi-Guarani do Alto Xingu**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp & Imprensa Oficial, 2000.

SILVA, Raynice Geraldine Pereira da. **Estudo fonológico da Língua Sateré-Mawé**. Dissertação (Mestre em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

SILVA, Raynice Geraldine Pereira da. **Estudo Morfossintático da Língua Sateré-Mawé**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

SILVA, Raynice Geraldine Pereira da. Documentação fonológica da variedade do Nheengatu da região do Médio e Alto Solimões. **Web Revista SOCIODIALETO**, [S.l.], v. 9, n. 27, p. 102 - 127, 2019. Disponível em:

<<http://sociodialeto.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/189>>. Acesso em: 04 maio 2021.

SILVA, Raynice Geraldine Pereira da. Morfossintaxe verbal e nominal do Nheengatu do rio Solimões/AM. **Todas as Letras Revista de Língua e Literatura**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 1 a 16. jan./abr. 2020. Disponível em: <

<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/12742/10534>>. Acesso em: 04 de maio 2021

SILVA, R.G.P. da; CRUZ, A. da; LIMA SCHWADE, M.C. D.. Descrição e Documentação fonológica das Variedades do Nheengatu do Amazonas. **Revista de Letras Noroeste**. Sinop, v.03, n.33, p.148-171, 2020. Disponível em:

<<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/noroeste/article/view/4231/2862>>. Acesso em 04 de maio 2021.